

WILLIAMSBURG E O CONVIDADO ESQUECIDO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 31.05.1983

A incapacidade dos países capitalistas desenvolvidos de enfrentar a crise econômica mundial pode ser revelada pela própria composição da reunião de Williamsburg. Para essa reunião o governo dos Estados Unidos convidou os dirigentes dos seis países de maior produto interno bruto: Japão, Alemanha, França, Inglaterra, Itália e Canadá. Se houvesse convidado mais um país segundo esse critério, esse país seria o Brasil. Ao não estender o convite ao Brasil, que é ao mesmo tempo um país subdesenvolvido do terceiro-mundo e tem uma produção anual, industrial e agrícola, muito próxima a do Canadá e da Itália, os Estados Unidos e seus parceiros perderam a oportunidade de dar uma outra dimensão à reunião de Williamsburg.

Afinal essa não é uma reunião de países ricos, porque, se o fosse, caberia convidar em função de sua renda por habitante, países como a Suíça, os países baixos, os países escandinavos, e por que não, Luxemburgo. Essa é ou foi uma reunião de países economicamente fortes em função de sua produção anual. E neste caso, o Brasil deveria estar entre eles para que a reunião fosse mais representativa.

Não importa que o Brasil viva a maior crise da sua história industrial. Não importa que nós sejamos os grandes devedores e os países reunidos em Williamsburg, os grandes credores. Não importa, finalmente, que nossa soberania esteja sendo severamente ameaçada por esses mesmos países credores, através do Fundo Monetário Internacional, que nos impõe uma política econômica suicida.

Precisamente por esses motivos e pelo grande peso de sua economia, o Brasil seria um representante ideal do terceiro mundo em Williamsburg.

Não fomos convidados e é óbvio que não cabe aqui lavar nenhum protesto. Afinal o dono da festa (ou do velório?) convida quem quer, e nada temos a fazer sobre o assunto. Podemos, entretanto, lembrar que às vezes uma festa fracassa porque as pessoas certas não foram convidadas.

Se não nos convidaram é porque imaginam que não precisamos de nós. Afinal, depois de três anos de recessão, os países centrais estão saindo lentamente da sua própria crise. Mas não há qualquer dúvida de que, nesse ponto, nossos grandes credores equivocam-se redondamente. Nós precisamos deles, mas eles também precisam de nós. Precisam do Brasil e do restante do terceiro mundo. Os países subdesenvolvidos já têm suficiente peso na economia e no comércio mundial para que a saúde do centro dependa da saúde da periferia. Estamos todos em um barco o barco do capitalismo tecnoburocrático e oligopolista da segunda metade do século XX. E este barco, nos últimos dez anos, vem acumulando crises ao invés de acumular capital.

Reformas institucionais profundas, especialmente no sistema financeiro internacional, são necessárias para que possamos sair da crise. Entre as medidas mais urgentes é necessário encontrar alguma forma de cancelamento parcial de débitos dos países devedores, e é preciso reformular as políticas de ajustamento do FMI, destinadas a equilibrar no curto prazo desequilíbrios transitórios no balanço de pagamentos, já que a imensa dívida acumulada é um desequilíbrio estrutural de longo prazo, que os livros-texto de economia, em que se baseiam os economistas ortodoxos, não previam.

Para que essas reformas ocorram, entretanto, seria essencial que países devedores com o peso econômico do Brasil fossem ouvidos. Caso contrário os países centrais, presos em uma redoma de desinformação e preconceitos teóricos, só agirão tardiamente quando a crise do sistema financeiro internacional já houver causado prejuízo para todos.(31/05)